

INICIAÇÃO - ADESTRAMENTO

Cap. Hugo Garrastazu



(EQUITATION RAISONNÉE, CAP. LICIT. pag. 46)

DARA PARA O CAVALO D'ARMAS DESTA ANO?

A pergunta geralmente era feita quando faltavam 8 semanas para as provas e o instrutor nem respondia. Nos corpos de tropa havia muitos cavaleiros novos e muitos cavalos velhos. Às vezes aparecia um animal novo e paradoxalmente ficava abandonado porque era novo e em regra magro. Como ia dar muito trabalho, um "olho clínico", geralmente um que não montava mais, avançava logo o diagnóstico: não dá para salto e não possui resistência para o "cross". Os tenentes pensavam ser a experiência quem falava e, como o espécimen não podia provar o contrário, passava logo à montaria de praça e no fim de pouco tempo era apenas mais um número na relação do pelotão. Sempre houve e há poucos Medeiros Pontes e por isto são raros os animais fornecidos pela Remonta que atingem as culminâncias dos campeonatos.

O presente trabalho, feito quando eu era aluno na Escola das Armas em 1939, vai aparecer apenas com um objetivo:

Fazer com que alguém, lendo aqui o que está escrito no Regulamento "que nem sempre está à mão" ou no livro do Cap. Licart, que poucos possuem, seja tentado a ir à baias e tire de lá um dos animais que está à espera do seu cavaleiro e portanto da sua oportunidade.

Qualquer um pode trabalhar um cavalo e levá-lo a um campeonato, pode até escrever sobre equitação, tudo isto em querer ou ser levado a fazê-lo...

Se já escolhemos o cavalo, vejamos como proceder:

Para o estabelecimento de qualquer progressão, precisamos partir de um ponto atingido e conhecer o objetivo sem o que, não sabendo onde queremos chegar, como vamos escolher o caminho?

Partindo pois do nosso caso comum, um animal fornecido pela Remonta, que o adquiriu numa fazenda do Rio Grande por exemplo, que teremos diante de nós?

Com raríssimas exceções teremos um animal de 5 ou 6 anos que foi subjugado por um cavaleiro empírico, mais ou menos habil, sempre rotineiro e que, de acordo com a tradição ainda utiliza processos rápidos mas que, por violentos, não são os melhores.

Este animal, potro ainda, foi encerrado numa mangueira ou passado num Brete para "agarrado". No primeiro caso, foi laçado, derrubado e maneado para em seguida ser ensilhado (ainda no chão) e, com um pedaço de couro crú atado na boca (à guisa de bocado), foi montado e por entre corcovos e reações de toda espécie, levou uma surra regular. No 2.º caso o processo inicial foi mais racional, mas, como não havia tempo a perder e outros animais esperavam sua vez, no fim de 2 ou 3 dias foi ensilhado dentro do Brete e à saída, depois de bem agarrado, foi montado e, como ainda não estivesse em condições de receber o peso do cavaleiro, reagiu e levou também sua dose de chicote e esporas, depois de ter sido bem puchado de baixo afim de quebrar o queixo.

Em qualquer dos casos, o animal em questão, no fim de 3 ou 4 galopes (ele que se acha em **completo desequilíbrio devido ao peso do cavaleiro**) levou muito tirão e mais chicote e espora se continuou a reagir. Descrevendo linhas sinuosas, abrecarregado no ante-mão, pescoço estendido para frente para baixo, lá vai ele apanhando para trotar e galopar, sem compreender o que lhe estão a exigir. Após os primeiros dias obrigam-nos a fazer algumas voltas largas no início e depois mais curtas.

Como o animal "se desfigura" muito, emagrece e está "esfolado" nas barras devido a ação do "bocal" é solto novamente para o campo e 2 ou 3 meses depois novamente agarado com o título de **Redomão** afim de ser "enfrenado". Freio de ferro, bocado muito alto, vasta passagem de língua, eis o instrumento com que terá de se haver.

Encerrado numa mangueira, rédeas ajustadas e presas numa cilha passada um pouco atrás do garrote, fica vários dias "se acostumando com o freio" e depois é montado e exercitado com ele. Após algumas trotadas e galopadas, quer em linha reta quer em círculos de raio maior ou menor, conforme a "disposição" em que se achar o **domador**, o animal está pronto e é mais ou menos nestas condições que é apresentado à venda.

Uma vez adquirido recomeça o martírio. Desde o destino até ao lugar de destino é um nunca acabar de **marcas, acinas** e adaptações de toda a espécie inclusive a transição do pasto para a forragem concentrada — o grão.

O PROBLEMA PROPOSTO

Eis pois o animal que vamos começar a trabalhar.

Por onde começar? O Regulamento de Equitação parece que nos responde em o n.º 216. Uma vez que os 1.º e 2.º objectos já estão mais ou menos atingidos, vamos nos lançar ao 3.º "**desenvolvimento da habilitação física**, submissão mais atenuada às ajudas. Duração: 5 a 6 meses.

Depois entraremos na fase do adestramento propriamente dito.

POR ONDE INICIAR?

A primeira cousa que teremos à fazer é montar o animal e verificar em que condições ele se acha. Podem apresentar casos interessantes, animais muito bem conformados, índole muito boa aliada a muito sangue e que tenham sido domados e iniciados por um cavaleiro paciente e inteligente. E' lógico que com um animal nestas condições teremos meio caminho andado e não perderemos tempo em fazer esquecer lições mal dadas. Mas, de uma maneira geral o cavalo que recebemos **não está direito e não sabe andar.**

— **“A base de todo nosso trabalho será a franqueza e o movimento para frente”.**

A primeira lição pois a dar será fazer com que o cavalo ceda à ação das duas pernas. Constantemente voltaremos a ela. Para isso teremos que seguir a progressão estabelecida pelo n.º 225 do 2.º volume do R. Eq.

— Colocaremos um Bridão de Memonta no nosso animal e, rédeas sempre **tensas**, desde que obedeça a ação das pernas ele será levado, insensivelmente, trabalhando em linha reta ao passo, ao trote e ao galope, a utilizar o procurado de canço sobre a mão. Nas primeiras lições a mão deve opor-se à extensão do pescoço logo: **pernas ativas e mãos passivas.** Mas, o cavalo que estamos trabalhando ainda é um animal desequilibrado, devemos pois dar uma grande **atenção à disposição da base do pescoço do nosso animal.** A sua elevação favorece o engajamento dos posteriores — ponto capital de entrada em equilíbrio do cavalo montado.

ONDE APARECEM AS RESISTÊNCIAS E COMO AGIR NAS PRIMEIRAS LIÇÕES

E' pela contração dos músculos do pescoço que vão aparecer as resistências.

No início do trabalho é sobretudo por meio das rédeas que submeteremos nosso cavalo. As pernas não podem ainda comandar diretamente as flexões da coluna vertebral e é na extremidade anterior onde o animal pode nos oferecer menor número de resistências.

Mais adiante os processos serão modificados. As partidas ao galope, por ex.: — que no início serão pedidas por perda de equilíbrio (sobre as espáduas), mais tarde serão pedidas por entrada em equilíbrio (sobre as ancas) e teremos então a predominância da ação muscular.

AS ESPORAS DEVEM SER EMPREGADAS DESDE O INÍCIO ?

As esporas podem ser empregadas desde o início com cavalos particularmente lerdos, mas mesmo neste caso, no início não devem ter rosetas. Em cavalos de sangue devemos suprimir-lhe o uso no início ou envolver as rosetas em pano ou couro. O cavalo deve acabar por suportar, sem se defender, o contato das esporas. E' mais variada a gama de intensidade no emprego das esporas, seu uso deve ser regulado de acordo com a sensibilidade do animal. E para usá-las convenientemente é preciso ter assento e não esquecer que o seu emprego tem por fim fazer com que o animal obedeça o menor aumento de pressão das pernas e **que mais tarde, apenas com estas** provocaremos a encurvatura da coluna vertebral e os deslocamentos de peso daí resultantes. A partir deste momento, as pernas substituem cada vez mais as mãos na conduta do animal.

AS PARADAS

Partindo sempre do princípio de que o adestramento não é mais do que a procura do equilíbrio, empregaremos as **paradas** principalmente nos animais de postmão alto e forte e por conseguinte difíceis de moderar nas andaduras. Nas paradas ajustaremos progressivamente os dedos sobre as rédeas, erguendo a parte superior de corpo e não devemos esquecer

que a uma tensão das rédeas o animal responderá com uma tração igual e em sentido contrário. Curtas no início do adestramento as rédeas vão se tornando depois um pouco mais longas e como a tensão não deve ser **contínua de maneira absoluta**, sob pena de condenar os movimentos do pescoço e de entravar o jogo de todas as partes moveis do animal, as mãos terão que ceder continuamente seja no sentido da nuca (cavalo que encapota), seja para levantar a base do pescoço (descida de mão).

COMO ENSINAR A ASSOCIAÇÃO DAS RÉDEAS E PERNAS

Ensinaremos, com as Conversões, a ação que resulta da abertura de uma rédea e da pressão de uma perna, habituando-o a deslocar a garupa para o lado oposto àquele em que a perna age.

O RECUAR

Falta-nos agora fazer o nosso cavalo dar alguns passos para traz (movimento secundário para a iniciação) sem estar montado.

QUANDO ENFRENA-LO NOVAMENTE ?

Desde que o cavalo se entregue nas andaduras francas e distendidas e que **aceite sem hesitação o descanso na mão** podemos enfreá-lo novamente.

Digo novamente porque ele já o foi uma vez sem que estivesse preparado para isto, e o trabalho que vimo fazendo com o bridão e o cuidado que dispensamos ao movimento para a frente tem também como objetivo fazê-lo esquecer as más lições que recebeu e obter um apoio confiante, afim de que possamos nos **unir** a ele e estabelecer um entendimento que, com o decorrer do adestramento deverá ser cada vez mais perfeito. Teremos também o cuidado de evitar que ele

sobrecarregue o antemão e se "pendure na nossa mão". Daí para diante alternaremos o trabalho com freio e com o bridão.

OS TRABALHOS NO EXTERIOR

Os trabalhos no exterior têm uma grande importância e, encontrando terrenos macios, como os há aqui, ou gramados no Sul, devemos fazer nosso cavalo galopar durante bastante tempo e assim lhe iremos flexionando o antemão e o postmão e desenvolvendo-lhe as faculdades respiratórias. Faremos também intervir o trabalho em terreno variado e acidentado. Daremos grande liberdade de pescoço ao animal e ele irá aprendendo a se desembaraçar por si e se preparando para a passagem e salto de obstáculos.

QUANDO E COMO CONHECERA' O OBSTACULO

Iniciaremos o ensino do cavalo no obstáculo quando ele esteja em condições de suportar o esforço. Primeiramente pela mão e em seguida na guia, ele que está acostumado a seguir seu cavaleiro, não hesitará em passar os pequenos obstáculos naturais que lhe depararemos mas, aí é preciso andar pouco para chegar depressa. Nada de atemorizar o animal nem acovardá-lo principalmente por estar ele em liberdade e por tanto senhor de seus movimentos.

Começar o trabalho com a barra no chão voltar continuamente ao trabalho no exterior e procurar acalmá-lo desde o início, fazendo-o saltar partindo do passo e do trote. Com isto aproveitaremos também para levantar-lhe o antemão. Depois saltará em liberdade e finalmente montado. Isto se fará em obstáculos faceis e quando ele já esteja habil no salto na guia e em liberdade.

CHEGAMOS POIS AO NOSSO PRIMEIRO OBJETIVO

O nosso cavalo anda bem para a frente, tem confiança no seu cavaleiro, já não se deixa mais arrastar pelo peso que

lhe infringimos; o jogo de seus membros tornou-se regular nas suas bem decididas andaduras, seu moral acalmou-se e ele está perfeitamente em condições de acompanhar a linguagem das ajudas e de ceder às suas exigências.

O TEMPO DECORRIDO

E que tempo decorreu? Passaram-se 5, passaram-se 6 meses ou o trabalho de que tratamos levou menos tempo?

Aí faz-se mister outras perguntas:

— Quem o está montando? E' um cavaleiro experiente? Tem trabalhado com afinco? Tem sabido aproveitar o tempo? Nada houve de anormal? — Então é possível que estejamos no fim do 4.º mês.

A FASE DO ADESTRAMENTO

— Passaremos então ao Adestramento e o cavalo vai aprender a **regular o seu equilíbrio e ações** para executar, segundo o pedido do cavaleiro, movimentos que no começo, se fossem solicitados, degenerariam em defesas. Vai aprender a obedecer prontamente, com justeza, facilidade e energia; vai ser um cavalo franco à ação da perna e leve à da mão.

No fim do adestramento ele passará "sobre as espáduas", para "sobre" as ancas, segundo a vontade do cavaleiro. Será um animal submisso à vontade do cavaleiro, perfeitamente senhor de seu "equilíbrio" e portanto um animal **adestrado**.

— Isto só poderá ser obtido com o aumento do engajamento dos posteriores e a elevação da base do pescoço, um não podendo ir sem o outro.

SEMPRE O EXTERIOR

— Aquí, como na iniciação, o trabalho no exterior constitue a parte essencial. O trabalho no exterior e no picadeiro deve ser bem regulado e este não deve, em princípio, exceder de um terço àquele.

EXPLORAR A MEMÓRIA, EVITAR A IRRITAÇÃO

E' preciso tirar o maior partido da memória do cavalo. Entre este e o cavaleiro é preciso haver uma linguagem e esta repousa na lei das associações de sensação: "Quando certas impressões foram produzidas simultaneamente ou se sucedem imediatamente, basta que uma delas seja apresentada ao espirito para que outras nele ressurgam ao mesmo tempo". O Eq. cita vários exemplos a este respeito. Já nos foi demonstrado o inconveniente de se trabalhar **um animal irritado**.

— Quando isto acontecer é necessário parar, esperar que o animal se acalme para então prosseguir. Isto deve sempre ser lembrado durante o trabalho.

AS RESISTÊNCIAS

— Como é lógico, as reações continuarão a aparecer e serão que ser combatidas. "Resistências de peso serão combatidas com meias paradas e resistências de força com vibrações". Aquelas têm por fim manter os músculos da base do pescoço em estado de contração; estas, as vibrações, combaterão as de força e em particular as das queixadas.

— Mãos rigorosamente fixas terão um poder maior do que as **trações**.

O freio e a espora quando manejados com justeza, permitem abaixar a duração do adestramento.

A IMPULSÃO

No adestramento procuramos também a impulsão que não deve ser confundida com a velocidade. Aquela constitui a base do adestramento e sua sede é o postmão. Do estudo sobre a posição da cabeça e do pescoço chegaremos ao "recolhimento" (cabeça um pouco na frente da vertical), isto é procurado desde que o animal recebe o freio. E' pelo trabalho nas linhas retas, pelo **alargamento** e **encurtamento** de andaduras que se leva o cavalo a tomar esta atitude.

AS PERNAS PRECEDEM AS MÃOS

Se as pernas têm papel capital: suas ações devem preceder sempre às da mão. “Uma vez engajado na impulsão, o cavalo encontra a mão que, **mantida fixa e baixa**, oferece à boca um apoio macio, que restringe a extensão do pescoço, fixa a cabeça e determina sua flexão, o **recolhimento**”.

Assim que o cavalo tenha obedecido, as pernas cessam de agir, os dedos afrouxam e **só tornam a agir se a cabeça** retoma uma posição defeituosa. Pernas e mãos não devem se contrariar. Já falamos nos alargamentos e encurtamentos para obter o recolhimento e se o animal faz movimentos em altura é porque a mão não cedeu a tempo de deixar agir a impulsão. Se no encurtamento o cavalo se atravessa, para corrigi-lo, devemos opôr-lhe a espádua ao quadril. Após bem executado este trabalho em linha reta, nosso cavalo deve praticá-lo em círculo o que vai permitir obter-se uma sotoposição maior do quadril interior. O cavalo deve trabalhar sempre reto e na diminuição do círculo é preciso evitar que ele o faça por si ou altere a andadura. Os alargamentos e encurtamentos do galope, quando executados no exterior tem a vantagem de poderem ser feitos em todas as variedades do galope. **Precisamos ensinar agora o cavalo a se equilibrar a si mesmo** pela sotoposição do postmão e a ficar imóvel — vamos obter isto com as paradas (ação de dedos cerrados sobre as re-deas tensas). A parada torna o cavalo mais leve. Se o cavalo de que tratamos tem o rim forte, não haverá inconveniente em empregar as Paradas (desde que não se abuse delas). A meia parada pode também ser empregada pois irrita menos o cavalo e qualquer animal pode suportá-la.

— Linha quebrada.

— Serpentina.

— Círculo.

Flexionam as espáduas e favorecem a sotoposição do postmão. Se a perna impede a garupa para o exterior, dá ao postmão uma grande mobilidade.

A estreita obediência à perna regula o grão de mobilidade a exigir do postmão. Seu fim é permitir que o cavalo se mantenha direito, enquadrado, em qualquer circunstância.

— A meia volta.

— A meia volta invertida. Serão também exercícios a praticar — elas produzem, respectivamente, o engajamento do postmão e a sua mobilidade.

— Pela linha quebrada ao galope, preparamos o cavalo para o falso galope e em seguida abordamos o oito de conta um dos melhores flexionamentos que se pode desejar. Nele devemos insistir bastante e iremos diminuindo o oito à medida que o cavalo galope calmo e bem distendido. A serpentina, embora não figure mais na "reprise" do Cavalo d'Armas é um bom exercício e podemos exercitar nele o nosso cavalo. **O Recuar** marca mais um grão na ginástica que consiste em reduzir e aumentar alternativamente a base de sustentação. Os exercícios descritos acima (alargamentos e encurtamentos de andaduras), conduzirão o cavalo a recuar sem dificuldade. Chega-se neste flexionamento a "como que embalar o cavalo entre a marcha para frente e o movimento de recuo".

— Convem sempre voltarmos ao trabalho em círculo como um dos melhores movimentos para o flexionamento da coluna vertebral.

Diminuir e alargar o círculo mas não permitir que o animal diminua a andadura, à medida que o círculo diminua.

Todos os flexionamentos descritos acima contribuirão também para dar **liberdade de espáduas** ao nosso cavalo, basta que as conversões sejam pedidas só pela ação das rédeas, fazendo girar as espáduas em torno dos quadrís — o círculo com a garupa para dentro, às meias voltas cada vez mais apertadas até a meia volta sob o postmão, o ladear e a **espádua par dentro**. Movimentos todos pedidos pela rédea contrária, agirão embora indireta mas eficazmente sobre as espáduas.

E A LEVESA ?

Como fiscalisaremos a **levesa**? ou como a perceberemos? — pela flexibilidade do maxilar inferior. Será pois pelo maxi-

lar que fiscalisaremos a maneira como nosso cavalo se conduz, quando lhe damos uma ordem. Se tivermos a preocupação de o conservar leve, o caminho a percorrer não será “pesado”, “com rédeas bambas não há equitação”, mas precisamos não causar sofrimentos ao animal pois estes são a origem de toda defesa, logo, **mão fixa mas não fixada**. O Capitão Licart no seu ótimo livro “Equitation Raisonnée” dedicada a um capítulo as “mãos” que é todo ele uma fonte de ensinamentos.

O CAVALO MASCOU ?

Então uma pergunta: quando é que um cavalo cede à ação da mão? “Quando estando em contacto suave com ela, entre-abre a boca pela pressão dos dedos, move um instante a língua e o bocado para retomar logo o seu contacto — **nosso cavalo mascou**”.

Se o movimento está localizado na boca, tudo vai bem. Diz o Regulamento que, uma vez obtido estes flexionamentos e havendo um apoio confiante (mão fixa mas suave), pode-se trabalhar na divisão do apoio dar e retomar, serar o bridão, alternar freio e bridão. Resistências aparecerão e empregaremos quer as vibrações quer as **meias paradas**, conforme já falamos em outro lugar. Zelar continuamente pela conservação da **impulsão** e não perder de vista o objetivo integral do trabalho — a harmonia de todas as forças.

— Trote estendido.

— Trabalho em bases curtas.

— Trabalho em bases longas.

— Partidas ao galope. Sobre este assunto, ainda no livro do Capitão Licart, pag. 84, encontramos tudo que há a respeito elucidado por gráficos convincentes. Nada contraria o nosso Regulamento e em ambos é ressaltado o inconveniente da partida, por ex. a direita pela ação da perna esquerda (antes consequência da educação do que um efeito natural).

As partidas agora serão pedidas por tomadas de equilíbrio (sobre as ancas) pois nosso cavalo já está preparado para isso — já tem equilíbrio suficiente.

— Ladear a espádua para dentro.

— Espádua para fora. Exercícios esses que produzem a liberdade das espáduas e dos quais o nosso R. Eq. em os números 292, 293 e 294, trata em detalhe.

— Quanto ao salto (R. Eq. 2.º Vol.; Cap. Licart pag. 108 e seguintes), teremos prosseguido no treinamento metódico que vínhamos fazendo.

QUANTAS SEMANAS DECORRERAM ?

Seguimos com o nosso cavalo a progressão contida no 2.º Vol. do R. Eq. ? ou obedecemos à contida no “Manual D’Equitation et Dressage”, edição de 1938 ? — em que, para o Adestramento são marcados 4 Períodos:

— 1.º Período — 2 meses.

— 2.º Período — 6 meses.

— 3.º Período — 2½ meses.

— 4.º Período — 15 dias.

Evidentemente como nosso animal não seguimos nenhum dos programas, isto é, nenhuma das progressões estabelecidas nos Regulamentos, para um cavalo de tropa, que mais trabalha em conjunto do que individualmente.

Acresce que: “as progressões não contem nem preceitos, nem meios e no resto variam com cada cavalo e só interessam como lembretes. A série de movimentos enumerados nas progressões constituem uma simples lista de figuras. Ora, no Adestramento as figuras só tem efeito pela maneira como se executam, é a atitude imposta ao corpo do cavalo, pelas ajudas do cavaleiro que lhes dá valor”.

— Já não constitue surpresa para nós vermos um animal sair enchuto do Picadeiro após uma hora de “trabalho” em todas as andaduras e, no dia seguinte, vermos o mesmo animal, com 10 ou 15 minutos de passo e trote suar abundantemente e apresentar um vastíssimo “bigode”.

Apenas mudou o cavaleiro e houve trabalho de fato.

Este último cavaleiro, quando entrou para o picadeiro sabia "exatamente" o que ia fazer. O cavaleiro tem um objetivo marcado e marcha direito a ele, sem perder tempo e sem abusar dos tendões e da paciência do seu cavalo. Sabe exigir e sabe recompensar. "Lembra-se todo dia do ponto em que se achava na véspera e não visa a execução imediata e perfeita do movimento". Com o cavalo a que vimos nos referindo, trabalhado por um cavaleiro nas condições acima e que "pode ficar senhor de seu equilíbrio em todas as circunstâncias" creio que, com mais 4 meses, não havendo contratempos, depois da ótima "preparação" que sofreu, o nosso cavalo estará: calmo — para frente — direito — leve.

Passará com facilidade obstáculos de 1m,20 e terá recursos para mais — caso seja necessário.

Gillette BLUE BLADE

GILLETTE AZUL
e melhor lamina
até hoje fabricada

Gillette

C-10

BARBELINO
AFFIRMA!